

A QUEM INTERESSA PRESERVAR? UMA ANÁLISE DAS FACES E DA POLIDEZ LINGUÍSTICA EM NOTÍCIAS DO MST

*Davi de Menezes Rebouças**

*Ingrid Xavier dos Santos***

*Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos****

RESUMO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social inspirado na doutrina marxista, que tem como principal meta a reforma agrária. O movimento, desde a sua criação oficial na década de 70 até os dias atuais, atua como célula de resistência ao discurso conservador e hegemônico que é vinculado a ele pelo Estado e pela grande mídia. Embasando-se nos estudos sobre a Teoria da Polidez, alinhada aos estudos da Pragmática, este artigo tem como objetivo investigar como a mídia usa a polidez linguística para atenuar os atos de ameaça à face do MST. A partir das estratégias apontadas por Brown e Levinson (1983) e Leech (2005), refletimos sobre textos de notícias a fim de averiguar quais estratégias foram adotadas pelos jornalistas. Ao analisar duas notícias publicadas pelo portal G1, que tratam de uma ocupação realizada pelo MST, foi possível constatar que a mídia em questão, de seu lugar hegemônico e consolidado socialmente, arquiteta estratégias discursivas que tentam deslegitimar o movimento, trazendo em seu discurso apreciações negativas que criminalizam juridicamente o movimento, gerando, assim, uma ameaça à face e maculando a imagem discursiva do movimento.

Palavras-chave: MST; Faces; Pragmática; Teoria da Polidez.

ABSTRACT

The Landless Rural Workers Movement (MST) is a social movement inspired by the Marxist doctrine, which aims, as its main goal, agrarian reform. From its official creation in the 1970s to the present days, such movement acts as a resistance cell to the conservative and hegemonic discourse that is linked to it by the State and by the mainstream media. Based on the studies on Politeness Theory, in line with the studies of Pragmatics, this article aims to investigate how the media uses linguistic politeness to mitigate face-threatening acts to the MST. From the strategies pointed out by Brown and Levinson (1983), Leech (2005) and Goffman (2011/1967), we reflect on news texts in order to find out what strategies have been adopted by the journalists. By analyzing two pieces of news published by the G1 portal concerning an occupation carried out by the MST, it was possible to verify that the media, from its hegemonic and socially consolidated place, designs discursive strategies that try to delegitimize the movement, bringing in its discourse negative appreciations which criminalize the movement legally, thus generating a threat to the face and defiling the discursive image of the movement.

Keywords: MST; Face; Pragmatics; Politeness Theory.

* Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - Centro de Humanidades (UECE - CH), e-mail: davi.mreboucas@gmail.com. Membro dos grupos GELP-COLIN e GEPPIL.

** Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - Centro de Humanidades (UECE - CH), e-mail: ingridxaviersantos@yahoo.com.br. Membro dos grupos GELP-COLIN e GEPPIL.

*** Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, Professora vinculada ao PosLA/UECE, e-mail: leticia.santos@uece.br. Vice-líder do grupo GELP-COLIN e membra do GEPPIL.

1 ALINHANDO AS IDEIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do seu lugar sócio-histórico, produz discursos de luta e de resistência às práticas opressoras do Estado. Com um discurso popular, voltado para questões que vão além da reforma agrária, o MST é uma clara representação do fazer e do agir linguístico, uma vez que seus membros agem e fazem dos seus discursos formas de vida de uma militância.

Tomando MST como um signo linguístico, esse é perpassado por inúmeras vozes e todas elas são valoradas ideologicamente. Entre essas vozes que atravessam o imaginário social a respeito do MST estão a voz da grande mídia e a voz discursiva do agronegócio. Esses, por exemplo, veem o MST como um levante de desordem social, sem organização e causador de transtornos políticos, sociais e econômicos.

Buscando analisar como a grande mídia valora linguisticamente os levantes populares do MST e como as faces do movimento e da mídia são enunciadas e/ou resguardadas na prática discursiva, este artigo surge e tem como objetivo investigar como a mídia usa a polidez linguística para atenuar os atos de ameaça à face do MST.

Em nossa análise, apresentamos algumas reflexões sobre textos jornalísticos que noticiam acontecimentos do MST. Selecionamos dois textos do portal G1, pois acreditamos que esses, apesar de seu caráter expositivo/informativo, revelam um posicionamento ideológico notoriamente contra os levantes do Movimento, o que pode ser verificado pela forma como os fatos são narrados/apresentados. Ademais, os textos são construídos buscando minimizar atos que ameacem as faces envolvidas no contexto: i) do jornalista e do veículo de comunicação, que pretendem passar credibilidade ao leitor; ii) dos leitores, que são o público alvo do que é informado; e iii) dos sujeitos e instituições noticiados, que fazem parte e interagem com a sociedade e que também têm uma imagem a preservar.

Neste estudo, inicialmente discorreremos, de modo breve, a respeito da gênese da disciplina pragmática, visto que nosso maior interesse não é resenhar a história da disciplina, e sim discorrer sobre a Teoria da Polidez e seus enlances pragmáticos. Em seguida, apresentaremos o início dos estudos da polidez, bem como seus principais precursores.

Para embasamos de modo mais consistente nossas análises, faremos breves exposições sobre o que caracteriza um movimento social, bem como sobre a história do MST e das suas lutas. Finalizaremos este estudo com análises das notícias do portal G1 que tratam de ocupações realizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em 2017, na Fazenda Esmeralda, em Duartina.

2 PREMISSAS DA PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA

Segundo Silva, Ferreira e Alencar (2014), a Pragmática, de um ponto de vista clássico, estuda a relação entre signos e os seus intérpretes. Em sua gênese, a pragmática era conhecida pela célebre alcunha “lata de lixo da semântica”; estando à sombra da sintaxe e da semântica, o que as duas não

podiam explicar ou encontrar explicações palpáveis linguisticamente era delegado à pragmática explicar. Nas palavras de Armengaud (2006, p. 17), a pragmática cresceu através de sucessivas “diversificações e unificações”.

A gênese oficial dá-se através da fundação da semiótica por Charles Sanders Peirce. A semiótica de Peirce foge ao empirismo e pauta-se em reflexões e pensamentos filosóficos. Para Armengaud (2006, p.28), Pierce é aquele que fez “da vida dos signos e da troca dos signos o ambiente vital do espírito e fez da semiótica o continente da linguística”.

Na década de 1980, os estudos de Goffman (1967) sobre o comportamento verbal e a interação foram levados ao campo da pragmática por Leech (1983) e por Brown e Levinson (1987). Tais estudos deram origem à Teoria da Polidez, como veremos a seguir.

Neste artigo, adotamos uma perspectiva pragmática alinhada ao pensamento de Leech (1983), em que temos uma pragmática geral que nos ajudará a compreender como a linguagem é usada na comunicação.

2.1 A polidez como prática: contextualizando princípios universais e pragmáticos

Por muito tempo, a polidez foi tida como a habilidade de “tato” ao se comunicar com o outro, respeitando o espaço/intimidade deste. A partir da Teoria da Conversação de Grice (1982), no entanto, Leech (1983) apresenta “Princípios da Pragmática”, obra em que dedica um capítulo às considerações acerca da polidez, iniciando um aprofundamento dos estudos sobre a questão.

A comunicação, para Grice (1982), é regida por um princípio de cooperação, segundo o qual os interagentes precisam cooperar para o alcance dos objetivos da comunicação, seguindo algumas máximas (Quantidade, Qualidade, Relação e Maneira). Leech (1983) se inspirou nas considerações de Grice para apresentar o Princípio da Polidez. Segundo este, as estratégias de polidez são uma das formas de se comunicar indiretamente, objetivando a minimização de conflitos, cooperando com a comunicação (PAIVA; MOREIRA; SANTOS, 2016). Para Leech, o foco está na figura do outro, apesar de traçar estratégias para os falantes (S). Esse outro pode ser o ouvinte (H) e/ou algum agente influenciador (O) da mensagem e/ou pode estar presente no momento da interação.

No entanto, o estudo da polidez que ganhou maior destaque e é considerado precursor foi o desenvolvido por Brown e Levinson (1987). Para os autores, o fenômeno pragmático da polidez está relacionado à diminuição da força de um ato ameaçador de face. Para eles, essa face divide-se em duas, uma positiva e outra negativa. Os autores realizam, na verdade, um acréscimo ao conceito de face desenvolvido por Goffman (1967/2011), que a considera um valor socialmente tomado como positivo o que uma pessoa afirma para si, seguindo uma linha de comportamento que os outros entenderam que foi assumida em um contato.

Em toda interação, há ao menos quatro faces envolvidas: uma positiva e uma negativa, do falante e do ouvinte. Na tentativa de evitar ataques às suas faces positiva e negativa, assim como às do ouvinte, e buscando preservar a imagem dos sujeitos, o falante se vale de estratégias de polidez. Partindo desse pressuposto, Brown e Levinson (1987) apresentam estratégias universais de polidez norteadas por três princípios: relações de poder entre falante e ouvinte (P), distância social ou

intimidade existente entre os interagentes (D) e grau de imposição do ato (R).

O princípio da polidez proposto em 1987 sofreu diversas críticas, principalmente no que dizia respeito à universalidade deste. Os críticos, inclusive Leech (2005), numa releitura de seu estudo inicial, entendem que a proposta de Brown e Levinson não leva em consideração aspectos de interações orientais, muitas vezes ritualizadas. Entretanto, o próprio Leech (2005) defende que há um entendimento deturpado sobre a universalidade. O autor entende que a universalidade defendida pelos colegas diz respeito ao fenômeno da polidez e não às estratégias apresentadas.

A polidez, então, é entendida como uma forma universal de atenuar possíveis conflitos que podem emergir nas interações. Contudo, por seus princípios norteadores considerarem um contexto, uma cultura, uma prática, uma pragmática, as estratégias adotadas são próprias de cada cultura, particulares a cada interação. Brown e Levinson (1987) apontam quatro estratégias e sub-estratégias que podem levar a um comportamento polido, atenuando as ameaças às faces.

Na interação, o falante pode optar ou não por realizar um ato ameaçador de face. Optando por realizá-lo, há a possibilidade de não se envolver com o ato (i. estratégia denominada *off-record*), sendo evasivo e indireto, por exemplo; de envolver-se com o ato, comprometendo-se e preocupando-se em preservar as faces (estratégia intitulada *on-record*), tanto positiva (ii. polidez positiva) como negativa (iii. polidez negativa); e por fim, há a possibilidade de envolver-se com o ato, mas sem preocupação com as faces, prezando apenas a clareza e a precisão da mensagem (iv. *bald on-record*). Os autores, então, apresentam dezenas de estratégias para adoção do modo *on-record* (polidez negativa e positiva) e *off-record*.

Assim sendo, percebemos que, ao se envolver em uma comunicação, inúmeras são as possibilidades de desenvolver um ato de ameaça à face do outro. Porém, como não se envolver se até o silêncio ou negar um diálogo é uma forma de comunicar algo? A polidez permeia, então, nossas vidas sempre que quisermos evitar conflitos com o outro, revelando, assim, seu caráter universal, variando apenas a forma como ela é utilizada.

3 A PRÁTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: O MST E SUA LUTA

Antes de adentrarmos em nossas análises, faz-se necessário conhecermos um pouco sobre o que são movimentos sociais e a história do MST, para assim compreendermos alguns discursos que circulam na sociedade sobre esse movimento.

De acordo com Gohn (2011), os movimentos sociais caracterizam-se por serem ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural. Ainda de acordo com a autora, os movimentos sociais realizam diagnósticos da realidade social e a partir disto traçam suas propostas de atuação.

Ademais, os movimentos sociais “possuem identidade, têmpositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade” (GOHN, 2011, p.03). Todas essas práticas são observadas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A questão da divisão de terras no Brasil é um debate que acompanha a sociedade desde o período imperial. Quando a Lei de Terras foi decretada, em 1850, com ela foi consolidada a

distribuição irregular das áreas férteis do Brasil e a concentração fundiária nas mãos de uma minoria. Com o passar dos séculos, a luta camponesa, mesmo sofrendo duras repressões, ganha força e a necessidade da reforma agrária é imediata.

No final da década de 1970, quando as contradições do modelo agrícola se tornam mais intensas e sofrem com a violência de Estado, ressurgem as ocupações de terra. Em setembro de 1979, centenas de agricultores ocupam as granjas Macali e Brillhante, no Rio Grande do Sul. Em 1981, um novo acampamento surge no mesmo estado e próximo dessas áreas: a Encruzilhada Natalino, que se tornou símbolo da luta de resistência à ditadura militar, agregando em torno de si a sociedade civil que exigia um regime democrático (MST, 2017).

O MST, ao longo da sua história, consolida-se como um movimento popular que não está alinhado apenas a questões e lutas por reforma agrária, mas também aos problemas sociais gerados pelo êxodo rural, à expansão do agronegócio e à ruptura da agricultura familiar, bem como ao uso sustentável e à preservação do meio ambiente.

4 MAIS QUE (IM)POLIDEZ: AS AMEAÇAS ÀS FACES E A (DES)LEGITIMAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Nesta seção, apresentamos reflexões, à luz da teoria da polidez, sobre minimização dos atos de ameaça à face. Nossas considerações partem de duas notícias veiculadas no site G1 sobre uma ocupação realizada pelo MST na Fazenda Esmeralda, em Duartina, em julho de 2017. No período, o MST, sob o lema “Corruptos, devolvam nossas terras!”, realizou uma série de ocupações em propriedades rurais de políticos envolvidos em denúncias de corrupção. Diante disso, a imprensa brasileira passou a noticiar os acontecimentos com textos carregados de axiologias sobre o movimento, ameaçando, muitas vezes, as faces dos noticiados, conforme apresentamos agora.

Apesar de reconhecer o aspecto multimídia do corpus em análise, interessa-nos lançar olhar analítico apenas sobre os textos verbais, considerando as manchetes, as legendas, o olho e a notícia propriamente dita. Consideramos, desde já, que o texto imagético possibilita reflexões interessantes sobre a temática, ao mesmo tempo em que vai ao encontro do que o verbal busca construir e disseminar. Contudo, o texto não verbal, a nosso ver, demanda outras perspectivas de análise que o escopo deste trabalho não objetiva contemplar.

A primeira notícia analisada, publicada no site G1 sob responsabilidade da TV Tem, afiliada da Rede Globo, traz como manchete (Figura 1) a seguinte unidade: “Integrantes do MST invadem fazenda em Duartina”. Logo nesse primeiro enunciado, podemos identificar um ato de ameaça à face do MST, suscitado pelo léxico “invadem”, que representa, por parte do editor da notícia, uma deslegitimação do movimento, colocando os integrantes como sujeitos que invadem a propriedade alheia, o que poderia caracterizá-los como criminosos. Optar por utilizar “invasão” em vez de “ocupação” é eliminar o ato político que esta representa.

No olho da notícia, texto geralmente apresentado seguido da manchete e que um resumo atrativo do que é noticiado, são apresentadas informações relativas à propriedade das terras (Terras

pertencem à empresa Argeplan, que tem como sócio o Coronel Lima, ex-assessor e amigo pessoal do presidente Michel Temer), bem como à quantidade de pessoas que participavam da ocupação (Segundo movimento, 800 pessoas ocupam a área). Nessa segunda parte, há presença do léxico “ocupam”, mas com uma carga meramente descritiva, como um espaço físico em que ‘x’ pessoas estão. Não é possível observar nesse signo a valoração ideológica que o MST traz, em seu bojo discursivo, ao signo “ocupar” como uma forma de resistência.

Figura 1 - Manchete de Notícia G1 – Integrantes do MST invadem fazenda em Duartina



Fonte: G1

Além da manchete, o termo “invasão” e seus derivados são empregados ao longo da notícia (10 vezes, ao todo), como nos exemplos abaixo, e em legendas de fotos e vídeos, conforme se verifica no quadro abaixo.

Quadro 1 - Uso do léxico “invasão” em notícia do G1

- “Integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) **invadiram** a Fazenda Esmeralda, entre Duartina e Lucianópolis (SP), na manhã desta terça-feira (24)”.
- “Em nota, o MST afirma que a **invasão** é um protesto contra o presidente Michel Temer e a favor do combate à corrupção”.
- Legenda de vídeo: Fazenda em Duartina é invadida por manifestantes do MST.

Fonte: G1

Podemos observar, em contrapartida à ameaça às faces do MST, estratégias de preservação de face dos responsáveis pela construção da notícia, por meio de estratégia de distanciamento, atribuindo a responsabilidade do que é dito a outrem, como nos exemplos abaixo.

Quadro 2 - Estratégias adotadas pelo G1 para garantir isenção de responsabilidade

- “Lima já foi citado nas delações da JBS, segundo a reportagem do Jornal Nacional”.
- “Na época, segundo o movimento, o objetivo da ocupação era “denunciar as conspirações golpistas de Temer”.
- “Segundo a polícia, pichações foram encontradas e alguns veículos foram danificados”.
- “Cerca de 320 pessoas, segundo a FNL, invadiram o local com o objetivo de pressionar o Incra”.

Fonte: G1

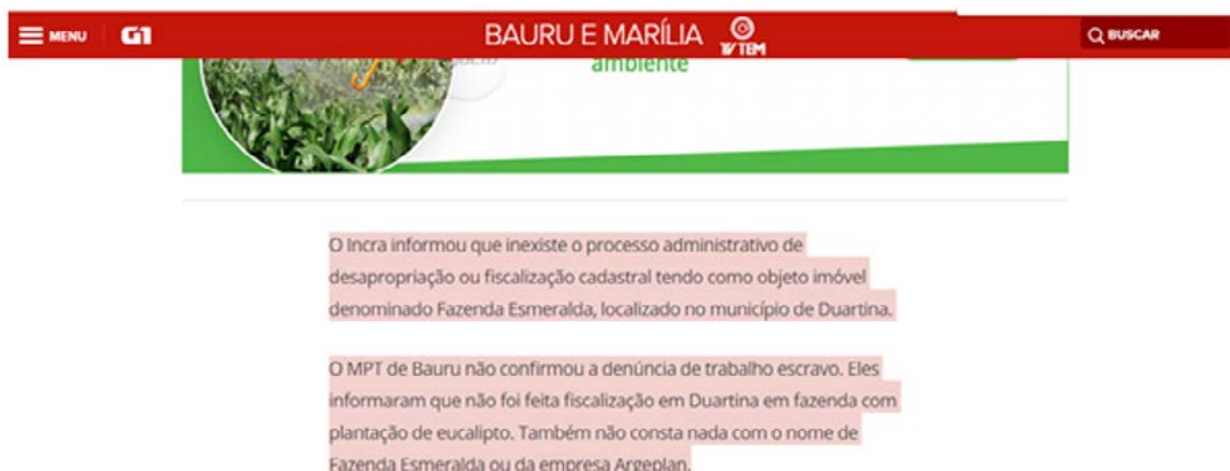
Podemos observar outra tática de preservação de face, desta vez a de João Batista Lima Filho, a partir de uma atenuação alcançada com o uso do termo “citado”, no trecho “Lima já foi citado nas delações da JBS¹, segundo a reportagem do Jornal Nacional”. Se não houvesse preocupação em preservar a face de Lima, um termo que poderia ser empregado na notícia seria “acusado” em vez de citado. Entretanto, por não ter como provar a participação do coronel nos crimes pelos quais a JBS responde, os jornalistas empregam o atenuador, um termo comumente utilizado no campo jurídico, e ainda apresentam a fonte da informação, uma reportagem do Jornal Nacional.

Outra face preservada é a de Michel Temer, citado na reportagem, na maioria das vezes (4 do total de 5), posposto à posição que ocupa, a de presidente da república. Acreditamos que mencionar Temer sempre como “presidente Michel Temer” é uma forma de marcar (e reforçar) sua identidade, preservando a face positiva do noticiado, já que ocupar o maior cargo da nação pode ser considerado algo de prestígio, socialmente positivo. Outros termos (como “Temer” ou “presidente”, separados) poderiam ser empregados para referenciar o presidente em questão.

Aproximando-se do final da notícia, encontramos outros marcadores que podem identificar uma ameaça à face do MST. Os jornalistas responsáveis pela publicação da notícia incluíram uma seção chamada “**Outras invasões**” e outra denominada “**Danos**”. Ao falar de ocupações anteriores, podemos encontrar o trecho “o *grupo* também queria colocar em pauta a reforma agrária em todo país”. O emprego no léxico “grupo”, a nosso ver, é uma forma de abreviar a imagem do movimento, reduzindo seu caráter político de movimento sólido na luta pela reforma agrária no Brasil a um aglomerado de pessoas. Essa seção é finalizada com acréscimos de informações que desmentem o que foi pontuado pelo MST à época, conforme imagem abaixo.

1 JBS S.A. é uma empresa brasileira de Goiás que vem sendo acusada por denúncias de corrupção.

Figura 2 - Notícia veiculada no G1



Fonte: G1

Já na seção “Danos”, os integrantes da ocupação são acusados de ações que caracterizam vandalismo (pichações, depredação e arrombamentos) e de furtar e matar cabeças de gado. Fala-se sobre a recorrência de ocupações na Fazenda Esmeralda pelos movimentos sociais, citando a Frente Nacional de Lutas (FNL) como fonte do número de pessoas presentes nas **invasões**, mais uma vez, deslegitimando os movimentos sociais e ameaçando suas faces.

Figura 3 - Manchete de Notícia G1 – Após seis dias, integrantes do MST desocupam fazenda em Duartina



Fonte: G1.

A segunda notícia analisada (Figura 3) trata do desfecho da ocupação na Fazenda Esmeralda, ou seja, da desocupação da área. O texto inicia com a manchete “Após seis dias, integrantes do MST desocupam fazenda em Duartina”. Em seguida, no olho da notícia, temos “Área pertence a empresa de ex-assessor e amigo do presidente Michel Temer. Manifestantes saíram de forma pacífica para participar de protestos contra o governo federal em Bauru”. Por se tratar de uma mensagem inicial, “presidente Michel Temer” pode ser considerado uma forma de apresentar alguns sujeitos noticiados de modo respeitoso, despertando o interesse do público, e não como um reforço da identidade. Entretanto, salientamos que, ao longo da notícia, a identidade de Temer como presidente da república é reafirmada, assim como na primeira notícia.

Ainda no olho, podemos identificar uma impessoalização, apagando o sujeito do motivo da manifestação. A ocupação é contra uma instituição (Governo Federal) e não contra o sujeito presidente. Trata-se, pois, de uma forma de reduzir a força do ato de ameaça à face de Temer, por meio de uma das estratégias apresentadas por Brown e Levinson (1987), a impessoalização do falante e do ouvinte.

No primeiro parágrafo do texto, que traz um resumo da notícia (lead), temos “Após seis dias de ocupação, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que invadiram na última terça-feira (25) a Fazenda Esmeralda, em Duartina (SP), deixaram a propriedade nesta segunda-feira (31)”. À primeira vista, podemos pensar que o termo “ocupação” foi empregado como forma de legitimar o caráter político do ato. Entretanto, ao continuar a leitura, encontramos o termo “invadiram”, o que representa uma ameaça à face do movimento. Em face disso, estimamos que o termo ocupação foi empregado em um sentido estrito, utilizado na física, de corpos que ocupam um espaço. Em seguida, como uma espécie de compensação, a notícia se vale da palavra da Polícia Civil para informar que os integrantes do MST deixaram o local pacificamente.

Seguindo com a notícia, temos, no segundo parágrafo, um ato de ameaça à face do presidente Michel Temer. Com destaque em vermelho e direcionamento para outra notícia, os jornalistas “pessoalizam” o motivo do protesto, conforme é possível verificar na figura abaixo. Além disso, mais uma vez, temos a presença do léxico “invasão” para identificar a ação do MST.

Figura 4 - Notícia veiculada no G1



Fonte: G1

Ao falar de danos que poderiam ter sido causados por conta da ocupação, o portal de notícias G1 demonstra cuidado e preservação de faces. Em vez de realizar uma acusação prévia e ilegítima, os jornalistas falam em “eventuais prejuízos” e “supostos danos e crimes”.

Em um trecho que parece eliminar a coerência do MST, a notícia ameaça as faces do movimento, utilizando o discurso deste para nomear de invasão o acontecimento. Percebemos isso no seguinte trecho: “Em nota, o MST afirmou que a invasão foi um protesto contra o presidente Michel Temer e a favor do combate à corrupção”. Acrescentamos que tal enunciado representa uma ameaça à face do presidente, por ele ser um dos motivos do protesto, bem como por sua associação à corrupção no rol de reivindicações do protesto.

Seguindo com o texto, encontramos estratégia semelhante à apresentada na notícia anterior, no que diz respeito à face de João Batista Lima Filho. A fim de evitar um(a) possível criminalização/julgamento antecipado(a) do coronel, os jornalistas falam em “citação”. Além disso, reiteram que a informação foi fornecida por reportagem do Jornal Nacional.

Antes do término da apresentação de informações, assim como na notícia apresentada anteriormente, os jornalistas trazem um histórico das “invasões” realizadas que podem ser vistas no quadro abaixo:

Quadro 3 - Uso do léxico invasão em notícia do G1

- “Na **invasão** promovida pelo Movimento Social Sem Limites, que faz parte da União Nacional Camponesa, em 22 de maio, a Secretaria de Comunicação Social Presidência da República negou que o presidente Michel Temer seja dono de qualquer propriedade rural”.
- “A fazenda foi **invadida** novamente em 22 de agosto do ano passado pelos integrantes da FNL”.
- “Cerca de 320 pessoas, segundo a FNL, **invadiram** o local com o objetivo de pressionar o Incra em relação a outras terras [...]”.

Fonte: G1

A fim de evitar repetições, apresentamos o quadro com o emprego do léxico “invasão”, que representa uma ameaça à face do MST, evidenciando o trabalho realizado com as faces e a não neutralidade midiática.

5. A ORDEM É LUTAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que os grandes conglomerados de mídia exercem poder sobre uma sociedade. Apesar da liberação do polo de emissão de informações, proporcionada pelo avanço do acesso às tecnologias digitais e virtuais pelo público, os grandes veículos (tradicionais) de comunicação ainda representam, para a maior parte da população brasileira, “uma fonte segura de informações”. Na realidade, esses veículos constroem e distribuem discursos carregados de ideologias (apesar da atribuição de predicados como isenção e apartidarismo à imprensa) que podem formar opiniões acrílicas e engessadas em sujeitos que não refletem acerca do que lhes é entregue como material noticioso. Por acreditarmos que tal conjuntura é passível de modificação por estudos críticos que busquem refletir sobre os textos veiculados pela mídia, denunciando discursos (partidários) que buscam, por meio de notícias, convencer e vincular o povo a um determinado posicionamento político, buscamos investigar como a mídia brasileira utiliza a polidez linguística para atenuar os atos de ameaça e violência à face do MST.

No material analisado, identificamos que a ameaça à face que mais se faz presente é a utilização do termo “invasão”. A nosso ver, tal léxico deslegitima o movimento, já que, socialmente, a palavra é carregada de conotação negativa, principalmente no âmbito jurídico. Ao evocarmos “invasão”, levantamos questões como ilegalidade e crime previsto em lei.

Acreditamos que as ocupações realizadas pelo MST representam um instrumento de luta pela reforma agrária no país. Tais ações são realizadas em latifúndios improdutivos e levantam questionamentos acerca da distribuição de terras no território nacional. Trata-se, então, de uma reivindicação de direitos. Assim, a utilização (adequada) do termo ocupação se apresenta como uma maneira de preservar a face

positiva do movimento que busca igualdade de direitos, reforçando a identidade de luta. Além disso, confere legitimidade às ações, desvinculando-as de uma conotação criminosa.

Os jornalistas responsáveis pela elaboração da notícia emitem seus atos de um lugar privilegiado. Por meio da imprensa, em especial de um veículo do Grupo Globo, no caso das notícias analisadas, eles veiculam seus textos carregados de ideologia, valendo-se, nos casos apresentados, de estratégias que pregam “disfarçadamente” um discurso hegemônico, podendo levar ao descrédito do movimento.

Nosso estudo refletiu sobre a utilização de estratégias que visem à atenuação de atos de ameaça à face, mas também alimentou o debate acerca do fazer jornalístico. É preciso ampliar reflexões sobre as práticas esboçadas aqui a fim de propor que a formação desses profissionais lance mão da criticidade, do compromisso ético e da reflexão sobre o poder de reprodução de discursos ideológicos que permeiam a mídia brasileira.

REFERÊNCIAS

Após seis dias, integrantes do MST desocupam fazenda em Duartina. **G1**, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/NHxbqH>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

ARMENGAUD, F. **A pragmática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: University Press, 1987.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. **Fundamentos metodológicos da linguística**, v. 4, p. 81-103, 1982.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, 2011.

Integrantes do MST invadem fazenda em Duartina. **G1**, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/kX1aUn>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

LEECH, G. M. Politeness: is there an east-west divide? **Journal of Foreign Languages**. General Serial v. 160. n. 6, November, 2005.

_____. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

MST. **Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

PAIVA, G. M. F.; MOREIRA, R. G.; SANTOS, L. A. P. F. **Introdução aos estudos de (im)polidez linguística**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016.

SILVA, Daniel do Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Nova pragmática: Modos de fazer**. Cortez Editora, 2014.

